



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MARQUES, Deborah Galvão. Corpo Cidadão: Experiência Clínica com Pacientes do Ambulatório de Saúde Mental de Pirituba, São Paulo. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

CORPO CIDADÃO: EXPERIÊNCIA CLÍNICA COM PACIENTES DO AMBULATÓRIO DE SAÚDE MENTAL DE PIRITUBA, SÃO PAULO

Deborah Galvão Marques

RESUMO

Com o advento da reforma psiquiátrica, “luta antimanicomial”, a inclusão social passa ser o novo paradigma. O foco terapêutico desloca-se da centralidade da doença para a qualidade de vida com ênfase na promoção de saúde. O presente trabalho foi realizado com um grupo de pacientes do Ambulatório de Saúde Mental de Pirituba. Objetivou-se o processo de reabilitação e inclusão social destes pacientes/cidadãos. O trabalho foi fundamentado na teoria reichiana e no método da vegetoterapia caracterooanalítica. O grupo surgiu da demanda de quatro pacientes, dois homens e duas mulheres, que através da experiência vivida no grupo, se mobilizaram para organizar um abaixo assinado pedindo sinal de pedestre para ser entregue a autoridade de trânsito. A experiência demonstrou que o grupo vivenciou todas as etapas necessárias para o planejamento e execução de uma intervenção de cidadania em busca do direito de mobilidade mais segura no espaço público.

Palavras-chave: Cidadania. Corpo. Inclusão. Vegetoterapia. Psicoterapia Reichiana e Saude Mental.

O presente trabalho tem como objetivo relatar e discutir o desenvolvimento de uma modalidade terapêutica, com pacientes psiquiátricos, do ambulatório de Saúde Mental de Pirituba, Cidade de São Paulo, Brasil. Adotam-se, neste estudo, de natureza clínica, os conceitos da teoria psicológica de Wilhelm Reich e os fundamentos metodológicos da vegetoterapia-caracterooanalítica elaborada e sistematizada por Federico Navarro.

Emprega-se intervenção terapêutica grupal, realizada no espaço físico tradicional do Ambulatório e em diversos ambientes da cidade de São Paulo, onde foram proporcionadas experiências de recriação do sujeito biológico, psicológico e social principalmente na luta pelo pulsar ecológico. Enfatiza-se o exercício da cidadania e das diferenças como recurso de transformação, dos pacientes, quase sempre, desacreditado pelo meio familiar e profissional.

O grupo formado por quatro pacientes adultos, com diagnóstico psiquiátrico. Todos com uma longa história clínica, alternados por períodos de



internação, hospital dia e tratamentos ambulatoriais. O grupo conservou os mesmos integrantes por dois anos e meio. Neste período apenas um dos participantes precisou de uma breve internação. Todos apresentaram progressos nas relações grupais, na vida pessoal e familiar, com destaque para o desenvolvimento de consciência social e ações práticas de luta por direitos da cidadania.

Escrever sobre a minha prática no tratamento de pacientes ligados à Instituição Pública de Saúde Mental, vem do prazer e do desejo de refletir novas possibilidades, novos paradigmas no fascinante mundo da Saúde Mental muitas vezes tão desacreditado.

Com o advento da reforma psiquiátrica, “Luta anti manicomial” muitas propostas de inclusão social do paciente com diagnóstico de transtorno mental estavam sendo implantada. A minha reflexão e pergunta como profissional da área era na questão do como fazer o processo de inclusão, sem ser um movimento, imposto de cima para baixo, de fora para dentro e, portanto superficial.

COMO alguém que na busca da sobrevivência, se defende de um meio ambiente criando um organismo contraído no medo do contato com a realidade, enclausurado no seu mundo interno, poderia de fato ser e sentir - se incluído?

Caracterização da Instituição

O Ambulatório de Saúde Mental de Pirituba está localizado na Av Raimundo Pereira de Magalhães 5214 – Pirituba - São Paulo.

O subdistrito de Pirituba possui uma população de 480 mil habitantes compreendendo os bairros de São Domingos, Taipas e Jaraguá. Foi criado em 1976, num cenário que começava a se alterar contra a política de hospitalização como única forma de tratar. Seu prédio foi construído dentro do Hospital Psiquiátrico Philippe Pinel, mas sempre tentou funcionar de forma independente, passou por vários programas na área de saúde mental tornando referência na região.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

3

MARQUES, Deborah Galvão. Corpo Cidadão: Experiência Clínica com Pacientes do Ambulatório de Saúde Mental de Pirituba, São Paulo. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Com a proposta de atendimento enfatizando trabalhos interdisciplinares, psicoterapias grupais \ individuais, terapia ocupacional, oficinas terapêuticas, terapia familiar e visitas domiciliares, o A. S. M. P foi se distanciando do modelo medico tradicional, consulta breves centradas em prescrição medicamentosa sem integração do corpo clinico, dando enfoque para pessoas com transtornos mentais severos e persistentes que necessitam de tratamento medicamentoso, psicoterapêutico, intervenções multidisciplinares que possam ampliar as possibilidades de vínculos na rede social melhorando a qualidade de vida. Nesse momento de transição que entro para o corpo dessa instituição (1999) permanecendo até 2005.

Trajetória

O grupo surgiu da demanda de quatro pacientes, dois homens e duas mulheres, estáveis, devidamente medicados e vinculados com a forma de atendimento do grupo corporal.

Considerando a situação psicótica, Navarro (1995), onde o bloqueio do primeiro nível corporal reichiano olhos, ouvidos e nariz (acrescentado por Navarro) que contraídos durante a vida intra-uterina e no período fetal, pelo medo e vivencia de situações ameaçadoras, por um útero frio, sem contato, apertado, pouco acolhedor e rejeitador marcam a condição do psicótico como alguém que não nasceu energeticamente, de identidade frágil, sem contorno, sem base, sem limite, ou seja, sem couraça. Assim tenho como proposta trabalhar com a “maternagem” e “encouraçamento” dos pacientes, usando os fundamentos da dinâmica e dos significados de cada acting.

Vegetoterapia deseja curar o paciente valendo-se de determinadas intervenções corporais (actins) que provocam reações neurovegetativas emocionais e musculares capazes de reestruturar uma psicoafetividade sadia, considerada dsde o nascimento do individuo Navarro (1996 p15)

Pensando na recuperação da fase intra-uterina, principalmente de um útero com mais qualidade energética, e uma boa maternagem, a sala, setting, foi cuidado na ventilação para melhorar a circulação de oxigênio, fechar as



cortinas para se ter pouca luz e a introdução de sons variados desde mantras, natureza, água, e músicas clássicas Mozart, Bach, Vivaldi, com a intenção de criar um ambiente quente calmo propício ao relaxamento levando ao sono. Lembrando que de forma adaptada para um atendimento em grupo e em instituição, aplicava o acting da concha, colocar as mãos em forma de concha sobre os ouvidos, de modo a filtrar os sons externos, a privação sonora e luminosa parcial coloca o paciente em uma condição semelhante à fetal, Navarro (1996). A resposta inicial das sensações era de angústia, inquietação e desconforto verbalizavam “a loucura começa pelos ouvidos...”. Depois de algumas sessões as sensações foram se tornando agradáveis e a dormir, o sono era reparador, aquele que descansa. Nesse momento aparece questionamento do por que das percepções alteradas, entendo que outra fase esta aparecendo.

O trabalho com os olhos, telerreceptores responsáveis pela percepção e interpretação da realidade, compreende em circular a energia que está totalmente bloqueada, eles vêem, mas não olham, isto é, aquele olhar que atravessa, dizemos o “sujeito fugiu pelos olhos”, passo a buscar a possibilidade do movimento, sempre preso nas polaridades, ora encolhido, ora expandido, a condição de pouca energia, completamente fora do chão, agarrados nas suas idéias fantasiosas e delirantes sem contato com a realidade é a característica.

O psicótico parece olhar através de nós, de um modo ausente, porem profundo, como se olhando para um lugar muito distante. Reich (1995, p. 395) Passo a trabalhar mais com a base, chão, foco isto é referencia. Agora não mais deitado o tempo todo, proponho exercícios de olhos, basicamente olhar nos olhos quando falam buscar ponto fixo e ao mesmo tempo exercícios com o pé sentindo o chão com sons tribais aonde em roda íamos experimentando achar o ritmo do grupo.

Aparece o desejo do grupo de sair dos limites da instituição, como não existe acaso, nesse momento nos cinemas da cidade o filme em evidencia era *Mente Brilhante* (filme que retrata a vida de um psicótico que apesar da alteração, busca outra possibilidade de funcionar e acaba ganhando o premio Nobel) veio à organização e fomos ao cinema. Uma das pacientes estava sem



mudar o trajeto casa – ambulatório há mais de vinte anos, cinema era algo que não lembravam mais. Ir ao shopping e ver o filme foi um ponto de bifurcação na vida desses pacientes, a identificação com o personagem, do caos psicótico no quarto de recortes de papel, alucinações quando e onde elas se misturavam com a realidade que ficava difícil perceber o que era real, a ruptura, a paralisação e a discriminação junto com o isolamento fora observado por todos, mas algo de novo aparecia na estória, era possível sair da contração do pequeno mundo e buscar outra forma.

A pulsação inicia, o grupo nasce e passa a existir, dentro da instituição toma corpo, passa a querer saber sobre a medicação, questionar o porquê de não poder escolher o médico para se tratar, uma das pacientes que usava a mesma roupa sempre, lavava à tarde para usar no dia seguinte, troca a camisa, outro volta a estudar, aparece à voz do grupo depois de um longo trabalho baseado na dinâmica do primeiro acting, buscar referência, limite sair da confusão e estigmatizar, olhar e ver fazer contato, (manter o olhar para um ponto fixo e abrir a boca (ponto fixo e boca aberta). Navarro (1996)

Dentro deste contexto continuamos com o trabalho corporal, agora com exercícios de aproximar e afastar já permitia trabalhos em dupla. Estimulava-os sentir quando dava para estar próximo e que podiam dar limite falar não. Aparece a percepção do outro, o jeito de cada um, a raiva e a frustração de não ser atendido, de ser esquecido, o trajeto de ir e vir, a dificuldade física de transitar pela cidade que na sua frequência frenética não acolhe ritmos diferentes.

O psicótico tem um campo energético que se dispersa, e, por isso, em certo momento, se funde e se confunde com o “outro” e com seu mundo externo. Quem conhece a metodologia da vegetoterapia sabe bem quanto é importante o acting da acomodação- convergência, que dá a possibilidade de identificarmos-nos e desidentificarmos-nos, de poder ver o outro e ver a nós mesmos. Navarro (1995 p.19)

Para chegar ao ambulatório todos os quatro usam o transporte público e recebem isenção tarifária; a avenida onde se localiza o ambulatório possui tráfego intenso de carros em alta velocidade, atravessar essa avenida significa



alto risco de ser atropelado para qualquer um, para pessoa com atenção diminuída e ritmo muitas vezes lentificado, pela medicação, o risco aumenta, com isso se dava muito atraso.

O grupo começa a discutir indignado com a situação, e resolvem organizar abaixo assinado para encaminhar para o responsável pedindo sinal de pedestre.

Passo a usar o tempo do grupo para essa função, cada um escreve a sua reivindicação e entregam para um integrante (escolhido por estar fazendo o colegial) fazer a versão definitiva.

O passo seguinte colher assinaturas, se organiza, para que cada dia, um se encarregue de ficar na porta do ambulatório e ao cabo de dois meses tem se o resultado de 1500 assinaturas.

Nesse período houve momentos de recaídas, pois além da baixa energética e a dificuldade de sustentar um ritmo, aparece o meio externo que, carregado de peste emocional, Reich(1995) palpitavam e afirmavam que o trabalho era em vão, rindo dizia vocês não vão conseguir etc.

Mas o movimento novo mudou a vibração desses pacientes, de dentro para fora, e a potencia tomou conta, firmes, alguns verbalizavam que era o mesmo que sair para trabalhar, o grupo nutrido e com sentido, identificado discriminava e reconhecia o seu movimento.

O abaixo assinado foi entregue por eles e outros pacientes convidados, ao subprefeito da região com audiência formal no dia 16/10/02. Depois de dois meses engenheiros do CET, vão ao local avaliar a necessidade, depois de discutir, comprovam a necessidade e concordam em colocar o farol em frente ao ambulatório. O prazo dado foi de três meses, mas na realidade demorou quase um ano para o farol ser instalado.

O grupo criou corpo de cidadão, sua potencia e crença na vida de fazer diferente, a relação deu salto qualitativo, estão mais próximos e ampliaram as atividades potencializadoras como por ex: terminar o colegial e voltaram a jogar futebol, outros dois se envolveram na elaboração da biblioteca, e a quarta na reciclagem do lixo coordenando outras colegas nessa atividade.



No ano de 2004 iniciamos o processo de separação, desmame, previamente sabia que em 2005 estaria mudando de cidade e o meu desligamento da instituição seria inevitável, com a autorização da direção, que acompanhou todo o trabalho, passo atender o grupo no meu consultório particular. Localizado em outro bairro, fomos pouco a pouco trabalhando o medo do novo, do estranho, da separação e principalmente como nos separar sem perder a potencia dos nossos encontros.

Essa fase durou o ano de 2004 e no final de dezembro, com festa na casa de umas das participantes finalizamos nosso trabalho juntos. Eles continuam juntos na instituição e buscaram outra psicoterapeuta para coordenar os encontros, todo mantém atividades com envolvimento no coletivo.

Considerações Finais

Cooperação e apoio mútuo, criando oportunidades sustentáveis, onde se possa viver nem que por momentos a função orgonômica da potencia do pulsar energético da formula do vivo, tensão – carga – descarga – relaxamento, Reich(1986) possibilitou exercitar a identidade de indivíduos desacreditados e afastados do contanto consigo e com o outro de si.

Mas que com sua atitude aprenderam e ensinaram uma lição de orgonomia e ecologia global, a partir da dinâmica relacional deram o salto quantum e qualitativo para a semente frutificar. São estas ações cotidianas que podem facilitar mudanças rumo à participação social.

Dessa forma foi feita a diferença, provando que a inclusão se faz realmente com afeto de cerne, de dentro para fora, pois só de igual para igual se da o contato verdadeiro que possibilita trocas e crescimento.

REFERÊNCIAS

NAVARRO, F. **Characterologia pós reichiana**. São Paulo: Summus, 1995

NAVARRO, F. **A Somatopsicodinâmica** - sistemática reichiana da patologia e da clinica medica. São Paulo: Summus, 1995



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

8

MARQUES, Deborah Galvão. Corpo Cidadão: Experiência Clínica com Pacientes do Ambulatório de Saúde Mental de Pirituba, São Paulo. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

NAVARRO, F. **Metologia da Vegetoterapia Caractero-Analítica** - sistemática semiótica semiologia semântica: São Paulo: Summus, 1996

REICH, W. **A função do Orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1986

REICH, W. **Análise Do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995

AUTORA

Deborah Galvão Marques/SP - Psicóloga clínica com experiência em instituições de saúde mental, Especialista em Psicoterapia Reichiana e Vegetoterapeuta Caracteroanalítica, Professora da ECOS (Escola Contemporânea de Orgonomia e Somatopsicodinamica-SP.)

E-mail: dehmarques@yahoo.com.br

